

Arquivos culturais em viagens de Saramago

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha¹

RESUMO: “Arquivos culturais em viagens de Saramago” se baseia nos livros *A viagem do elefante* (2008) e *A jangada de pedra* (1986) que situam Portugal em dois contextos históricos distintos do cenário mundial. Sob estas perspectivas visita-se o arquivo da colonização que vem complementar a formação europeia, visto que a sociedade extra-europeia nada mais é que um desdobramento da civilização do velho continente.

Palavras-chave: Saramago; Arquivo; Viagem.

1. O arquivo

*“Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também”
Grande Sertão Veredas*

Antes de começarmos esta nossa viagem, é bom – antes de mais nada – sabermos de onde partimos. E partimos do arquivo. Evitando divagações filosóficas sobre a imprecisa origem do homem, situo-nos diante de duas obras de José Saramago (*A viagem do elefante*, 2008; e *A jangada de Pedra*, 1986) pelas quais o arquivo de que lançamos mão situa-se em algum lugar entre o aparecimento do ser humano como um ser social, seu assentamento nas terras da Ibéria, até o que viemos a chamar e conhecer por Portugal e Espanha. Fundamento-me em Derrida e seu *Mal de arquivo* no qual ele diz ser o arquivo aquele que “tem seu lugar na falta originária e estrutural da chamada memória” (DERRIDA, 2001, p.22). Pois bem, de fato não sabemos onde tudo começou, mas sabemos como se encaminharam até o momento, e por hora, é o que nos basta.

Saramago retoma em ambos os livros o contexto ibero-europeu de interação política e social das identidades que findaram na constituição dos estados nacionais, não só no velho continente como nas demais áreas do globo através das grandes navegações e seus projetos coloniais. O primeiro ponto a se esclarecer é a utilização do termo “ibero-europeu”, o qual procede por fundamentalmente nos localizarmos geograficamente em Portugal – e sua estreita relação com Espanha – como referência basilar em contraposição ao centro do continente – que podemos dizer hoje serem representados por França e Alemanha.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários da UFJF

Segundo Derrida, não temos com certeza e precisão o conceito do que seria realmente um arquivo, mas apenas impressões associadas a esta palavra, uma vaga noção. Citando-o para que esclareça-nos, ele diz nada ser “mais perturbante e mais perturbador hoje que o conceito arquivado nesta palavra arquivo (...) o nome torna-se ele mesmo plural e portanto problemático” (DERRIDA, 2001, p.118).

A palavra e a noção de arquivo parecem, numa primeira abordagem, apontar para o passado, remeter aos índices da memória consignada, lembrar a fidelidade da tradição [mas] ao mesmo tempo, mais que uma coisa do passado, o arquivo deveria pôr em questão a chegada do futuro (DERRIDA, 2001, p.47/48).

O que entendemos a partir desta explicação é que o arquivo é tomado como um ponto de apoio e referência para o presente, já que diz sobre o passado. Por conseguinte, é também uma “dica” para o futuro, uma vez que ações realizadas em um tempo qualquer anterior ao que possamos estar servem-nos como um guia ou padrão para tomadas de decisão. O arquivo é assim “instituidor e conservador [de uma realidade,] revolucionário e tradicional” (DERRIDA, 2001, p.17), visto que vindo do passado aponta para o futuro.

Outro ponto chave do livro de Derrida é que “o arquivo trabalha sempre *a priori* contra si mesmo” (DERRIDA, 2001, p.23), ou seja, ele permite o questionamento do que já não existe mais, e desta maneira abrimos as portas para o conceito de pulsão de morte que o arquivo carrega em seu âmago. Ao se instaurar para preservar uma memória, o arquivo conta necessariamente com o aniquilamento daquilo que representa, ou caso contrário não teria justificativa em sua existência. O autor chama isso a “mal de arquivo” ou “pulsão de arquivo”, donde “não haveria desejo de arquivo sem a possibilidade de um esquecimento (...) não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou de destruição” (DERRIDA, 2001, p.32).

Um interessante conceito é a idéia do arquivo como um penhor. Nesse sentido, o arquivo funciona como uma garantia, uma segurança ou ainda uma prova de que certo bem existe ou existiu. Note-se que tratamos assim da memória, do passado, e até mesmo de uma experiência, como algo de valor que se liga a uma concepção de futuro e de dívida. Não que nos tornemos devedores do dia para noite por motivo de um gasto impensado, mas sim, que a eterna perpetuação do presente é invariavelmente determinada por um passado que se consome a cada minuto e representa nossas conquistas, ganhos, perdas e aprendizados.

Introduz-se pois, a concepção do “porvir”, e da infinita incompletude relativa do arquivo. O futuro, a partir desta perspectiva determina-se sempre a partir de reconstruções do

arquivo que se abrem como possibilidades de leitura feitas diferentemente por cada leitor. Há – e é imperativo que se tenha – uma interpretação consensual do mesmo livro, que se estabelece pela coerência do que aquilo – o arquivo, a memória – representa em um todo; no entanto, o que a subjetividade proporciona é algo que nunca poderá ser determinado de antemão. Assim “a condição para que o por-vir continue por vir é que seja não apenas não-conhecido, mas também que não seja cognoscível enquanto tal” (DERRIDA, 2001, p.92). Esta é a beleza de cada dia, e porque não, da literatura. Mesmo que se navegue o mesmo livro duas vezes, as águas que nos levam nunca serão as mesmas.

Para passarmos a uma das possíveis interpretações dos arquivos produzidos por Saramago, Derrida nos dá a deixa: “ler é trabalhar nas escavações geológicas ou arqueológicas sobre suportes ou sob superfícies de peles, novas ou velhas” (DERRIDA, 2001, p.35), não nos esquecendo, é claro, que “há uma tensão incessante entre o arquivo e a arqueologia (...) o arquivo exclui ou interdita o retorno à origem (...) uma escavação assinala o apagamento do arquivista: *a origem fala dela mesma*” (DERRIDA, 2001, p.120).

2. Ele esteve em figueira de Castelo Rodrigo

*"A guerra fina caprichada, bordada em bastidor."
Grande Sertão Veredas*

Como de fato seria impossível, não retornamos à origem; mas tivemos dela uma descrição clara e – a seu modo bem objetiva – que, como todo bom arquivo, foi instigante e reveladora:

As figuras eram umas pequenas esculturas de Madeira postas em fila, a primeira das quais, olhando da direita para a esquerda, era a nossa Torre de Belém. (...) Foi-me dito que se tratava da viagem de um elefante que (...) foi levado de Lisboa a Viena. Pressenti que podia haver ali uma história... (SARAMAGO, 2008, p.5).

Em *A viagem do elefante*, Saramago recupera o arquivo europeu do século XVI, no qual países começavam a se formar e as bases de nosso capitalismo eram lançadas. Via mares, a Europa crescia expandindo tentáculos sobre o globo, e sobre a terra já conhecida, artimanhas diplomáticas buscavam consolidar e legitimar suas posições no teatro dos poderes. À abertura do livro, o autor é paquidermicamente sutil ao descrever uma conversa de alcova entre o rei de Portugal Dom João III e sua consorte Catarina de Áustria – prima de Maximiliano II, futuro chefe de estado do Sacro império Romano-Germânico. O ponto chave desta cena é a explícita insinuação ao modo de se fazer política, criando laços, mais que afetivos, efetivos, para a manutenção do poder.

Nesta conversa mencionada, decide-se que um bom presente a Maximiliano – a dar nas vistas com intenção de semear – seria um elefante vindo da Índia. O elefante chama-se Salomão, e é inevitável a recuperação do arquivo religioso que faz menção ao 3º rei de Jerusalém. Desfeito o “mal entendido”, dá-se início aos preparativos do envio do elefante, evento que se torna de suma importância, pois considera-se que estão alienando um bem do estado – fina ironia, diga-se de passagem.

Quanto a Maximiliano, suas aparições são pequenas e até de certo modo discretas. No entanto, representante do poder como é, era preciso que desta forma aparecesse, e o faz. Primeiramente, numa alusão feita pelo rei de Portugal, em que este questiona-se se o imperador gostará do presente. Seu secretário diz prontamente que isto é o que menos importa, pois astuto como dá sinais de ser o regente de Espanha, saberá converter o elefante em importante instrumento político – o que na verdade é. Mas sua real face se demonstra na interferência que faz – se podemos dizer – na identidade dos que o cercam mudando-lhes os nomes. De início o faz ao elefante, que – permitindo-nos a liberdade – o faz de hebreu, turco. Óbvio, a alteração não é despropositada ou simples capricho como pensa Dom João, mas sim uma referência intencional ao imperador turco-otomano que governou por mais tempo, um império maior que o seu. A demonstração de poder por esta via, além de referência direta ao porte imponente do elefante, é um modo de subjugar o inimigo, seja como for.

A esta altura do relato já fomos apresentados a Subhro, o cornaca. Ele havia ido a Portugal junto ao elefante para cuidar-lhe, e agora vai a Áustria. E é a ele quem Maximiliano muda o nome em seguida. Curioso notar que o rei de Portugal tem esta idéia apenas no momento em que lhe vai mandar embora, demonstrando certa falta de consciência do poder, ou no mínimo em como demonstrá-lo. Ao primeiro contato com o cornaca, o imperador mostra-se desconfortável com o seu nome, e apontando este motivo, chama-lhe Fritz, nome comum que o tornará – até determinado ponto – parte da nova comunidade que integrará.

Neste ponto é válido um apanhado de raciocínios que se dispersam ao longo do livro a respeito de identidades e destino. Desde o início fez-se marcante a significação do nome Subhro, ao lado de um malicioso comentário sobre sua aparência: branco, por mais que não o pareça. A relevância desta colocação por Saramago é fundamental por valores que são expostos no livro. A cor branca para os ocidentais de uma maneira geral é sinal de paz e verdade, que traduz bem o personagem a ela relacionado por ser de uma razão sincera e tranquila; no entanto, para algumas culturas orientais ela pode estar ligada ao luto, o que também é perfeitamente explicável pelo fato de Subhro estar afastado de sua origem e

alocando-se em lugares diferentes do que estava acostumado, ou seja, rompido com o que lhe era natural. Branca também é a página, na qual se escreve e desenha, à qual se sobrepõem os tons a fim de que se criem novas imagens. E aqui temos todas as possibilidades que a página em branco oferece: é a mistura de culturas que se apresentam pelo deslocamento das personalidades individuais, é a porta do novo que se abre, a vela das naus que cortam os oceanos, ou ainda a chance de reescrever o que já se perdeu em pilhas de arquivos mofados. Subhro que nasceu para ser Subhro – ou branco – talvez não o tenha nunca deixado de ser, como acreditou, mas apenas assumiu os matizes que holofotes coloridos lançaram sobre ele. Afinal,

ninguém foge a seu destino” (SARAMAGO, 2008, p.27) [e] “cada um é para o que nasceu, mas há que contar sempre com a possibilidade de que nos apareçam pela frente exceções importantes” (SARAMAGO, 2008, p.209), [pois] “o destino, quando lhe dá para aí, é capaz de escrever por linhas tortas e torcidas tão bem como deus, ou melhor ainda (SARAMAGO, 2008, p.54).

Tratando de identidades, a que se evidencia então é a portuguesa. E não podemos nos esquecer que este pequeno país reivindica o título de mais antigo estado-nação europeu, além de ser protagonista nas grandes navegações. No entanto, o sofrimento de Portugal não é proporcional ao seu território – às suas glórias quem sabe – pois ficaram famosas suas lágrimas – pelas quais navegaram, talvez – e Saramago não permite que este detalhe passe despercebido. Ao se aproximar o ápice do livro, que é o embate e entrega do elefante pelos portugueses aos designados por Maximiliano, com o propósito de tornar mais eficiente a jornada da caravana, o comandante português procura por uma junta de bois e trava o seguinte diálogo com o feitor de uma pequena aldeia:

O feitor é quem governa o barco, Andaste no mar, Saiba vossa senhoria que sim, mas aquilo, entre os afogados e afligidos de escorbutos e outras misérias, era uma tal mortandade que resolvi vir morrer em terra, [E onde posso encontrar uma junta de bois, O conde não está e é..., o comandante cortou-lhe a frase], Não sou eu quem está a pedir uma junta de bois, mas a pátria, A pátria, senhor, Nunca a viste, perguntou o comandante lançando-se num raptó lírico, vês aquelas nuvens que não sabem aonde vão, elas são a pátria, vês o sol que umas vezes está, outras não, ele é a pátria (...) portanto não podes negar-te nem opor dificuldades à minha missão (...) A pátria acima de tudo [disse o feitor] ainda temeroso dos efeitos da sua cedência (SARAMAGO, 2008, p.57-59).

A cena na aldeia termina com o comandante radiante por ter escolhido a melhor parilha do lugar e assim se julgar merecedor inclusive a uma promoção, e o feitor impressionado da vida pela oportunidade que teve naquela ocasião. O curioso é que a última frase do capítulo é “não é todos os dias que aparece nas nossas vidas um elefante” (SARAMAGO, 2008, p.63), mais uma vez, sobressai a ironia saramaguiana, que se desenvolve nos acontecimentos a seguir.

É grande a expectativa para o encontro com os couraceiros austríacos que vêm em busca do elefante Salomão. E há um quê de suspense no ar provocado pela repetição constante das frases “com espanhóis nunca se sabe”, e em seguida, “com austríacos nunca se sabe”. Explicações são praticamente desnecessárias. No caso espanhol, a rixa histórica territorial é quase fraternal – não fosse por algum excesso de carinho que a palavra expressa – já em relação à segunda, o subentendido talvez seja anacrônico, mas cumpre sua função. Um jantar de confraternização é pensado – simples gesto de apaziguamento político – visto que “a experiência já ensinou de que dois destacamentos militares colocados frente a frente numa fronteira tudo se pode esperar” (SARAMAGO, 2008, p. 125). À notícia da aproximação dos austríacos o comandante prepara “o contra-ataque”, e quando estes são vistos pela atalaia, o alarma foi “inimigo à vista”, de forma que não julgou próprio para a ocasião “as visitas estão a chegar”. Preparando sua tropa para o fatídico encontro, o comandante português faz um discurso que não chega a empolgar, mas frisa sua importância histórica e que este momento será lembrado. Cria-se uma aura de batalha entre os presentes e espera-se uma vitória, por mais que não se utilizem das armas. É nítido o caráter diplomático da circunstância em que os representantes precisam impressionar e mostrar o melhor de si para aqueles com quem se relacionam, afinal, o que ali se encontram não são apenas soldados, mas dois impérios.

Apesar dos preparativos, o destacamento português não foi páreo perante a imponência austríaca que fez bater palmas toda a audiência presente. Lamentou-se ainda o fracasso da prometida ceia em decorrência do comportamento dos visitantes, rudes, exigentes e ameaçadores, que fez perderem-se as palavras do chefe cruzmaltino, fazendo-se necessária a intervenção do feitor local. Por fim, venceu a eloquência lusitana pelas palavras do comandante, e consoante à concordância dos empertigados austríacos, novas boas vindas foram dadas aos que vinham: “Seja outra vez bem-vindo a castelo Rodrigo, vamos ver o elefante” (SARAMAGO, 2008, p.136). Findou a escaramuça ao dia seguinte à partida das tropas, quando “num gesto de paz digno de menção, o comandante português cedeu à organização da caravana (...) ao bom alvedrio do capitão austríaco” (SARAMAGO, 2008, p.137). “Cada qual no seu lugar será sempre a melhor das condições para alcançar a paz universal, salvo se a sabedoria divina dispôs outra coisa” (SARAMAGO, 2008, p.186).

Para irmos adiante, cito Saramago:

O passado é um imenso pedregal que muitos gostariam de percorrer como se uma auto-estrada se tratasse, enquanto outros, pacientemente, vão de pedra em pedra, e as levantam, porque precisam saber o que há por baixo delas” (SARAMAGO, 2008, p.33). “Têm razão os cépticos quando afirmam que a história da humanidade é uma interminável sucessão de ocasiões perdidas. Felizmente, graças à inesgotável generosidade da imaginação, cá vamos suprindo as

faltas, preenchendo as lacunas o melhor que se pode, rompendo passagens em becos sem saída e que sem saída irão continuar, inventando chaves para abrir portas órfãs de fechadura ou que nunca a tiveram (SARAMAGO, 2008, p.215)

3. É o fim do mundo

*“Às primeiras horas, conferi que era o inferno.
Aí, com três dias, me acostumei.”
Grande Sertão Veredas*

A jangada de pedra de José Saramago narra a história de cinco pessoas que se deslocam por sobre o território de Portugal e Espanha no quando do simultâneo deslocamento da península ibérica que se desprende da Europa e se transforma em ilha flutuante, ou a dizer respeito da tradição dos países envolvidos, em navio, em jangada de pedra.

Os cinco personagens que se põem unidos nessa jornada, mais um cão que os guia, protege e faz companhia, são ligados por eventos ditos anormais ou incomuns, assim e tanto como o deslocamento da ex-península. Como no caso de Joana Carda, que poderia ser apontada como responsável pelo desmembramento do continente ao riscar o chão com uma vara de negrilho em atitude “que mais foi de criança do que de pessoa adulta” (SARAMAGO, 1986, p.97).

Logo de início, entremeio às falas dos personagens e assertivas narrativas, surgem algumas expressões das quais dizemos relevantes por apontar como se para o rumo a que esta viagem se destina. Em “as vidas não começam quando as pessoas nascem” (SARAMAGO, 1986, p.8), Saramago nos chama a atenção ao fato de que há algo mais em nossa realidade do que crê nossa vã filosofia, e invoca o passado desses dois países que não se erigiram da noite para o dia, mas sim de diversas viagens e conflitos dos mais variados tipos, em si mesmos e além fronteiras.

Prossegue com uma indagação – “quem escreverá a história do que poderia ter sido” (SARAMAGO, 1986, p.9) – que paira no ar, mas já ao dizê-la assume a si a incumbência de imaginar a esta uma resposta, como se fizesse a proposta de uma vida ibérica, comum a estes países. Contudo a faz não apenas àqueles diretamente afetados em sua ficção – portugueses e espanhóis – mas a todos os envolvidos em fato tão esdrúxulo, pois afinal “o conteúdo pode ser maior que o continente” (SARAMAGO, 1986, p.9), o que implica necessariamente no extrapolar de limites territoriais e invadir o escorregadio campo das identidades que se constituem por dentre e entre esses territórios.

Ao dizer de Portugal, Saramago não o faz inocentemente e nem mesmo poderia. Desta forma, o resgate da identidade que se construiu no passado está a todo o momento presente.

Na situação que se apresenta, a ex-península, chamada agora de “outra ilha”, se lança ao mar em nova navegação “à procura de homens imaginários” (SARAMAGO, 1986, p.39) como “barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido” (SARAMAGO, 1986, p.27). Esse novo lançar-se ao desconhecido remete não somente às descobertas que se fizeram em outros tempos e à outras glórias, mas à apreensão dos que em terra ficavam por aqueles que partiam. Procura-se assim por bravos homens, agora imaginários, que agigantaram pequenas terras e levaram Portugal a toda parte.

Embarcados, por assim dizer, em outro navio – a jangada de pedra – que agora leva a todos, Portugal viaja novamente, afinal, “ninguém foge ao seu destino” (SARAMAGO, 1986, p.74), e o fado português não é qualquer senão abrir caminhos pelos sete mares a fazer descobertas e traçar trajetórias a novos mundos. Contudo esta não é uma simples viagem e seu destino é incerto. Qual será o destino, quais os louros, e mais, por quem se verterão as lágrimas desse novo mar? Saramago então nos diz: “não te dêem cuidado os sentidos completos, (...) uma viagem não tem outro sentido que acabar-se... diz-me que fim tiveste e direi que sentido pudeste ter” (SARAMAGO, 1986, p.101).

Atestadamente o acontecimento mais chamativo do livro, o deslocamento da península não é gratuito, mas o meio pelo qual a proposta do autor pode ser concretizada. No caso, pelo improvável, pelo impossível e pelo imaginário, todos os que estão presentes e presenciando o irreal são forçados a se ajustarem à nova configuração da sociedade.

Saramago então relaciona muito acertadamente o movimento da “ilha” com um acelerador de partículas. Estes equipamentos são utilizados para fornecer energia a partículas mínimas constituintes dos átomos para que se aumente a concentração de seus componentes de forma a controlá-los com mais exatidão, o que possibilita conhecê-las melhor. Outro modo de fazer conhecer essas partículas “aceleradas” é chocá-las com outras partículas ou sólidos, o que permite também conhecer melhor o alvo com o qual se deu a colisão.

Desta maneira, sendo a ex-península um “acelerador de partículas”, temos dois países como átomos reagentes e toda uma população como elétrons a serem acelerados. Esta aceleração se dá com a reviravolta na situação de sua terra que faz se potencializarem traços característicos e coletivos que identificam este grupo como uma só unidade. Resultante dessa concentração de elementos comuns que nos possibilita “conhecê-los melhor”, outro elemento se acrescenta nesse processo de revelação de identidades. O deslocamento em linha reta da ex-península leva-a em rota de colisão direta com as ilhas de Açores, situado à altura de Lisboa. Lisboa é evacuada, assim como as ilhas e especulam-se quais serão os resultados de

tal choque. Espera-se que finalmente possa a “península” parar sejam quais forem as consequências desse impacto.

Eis que – dando sequência à série de acontecimentos inesperados – a ex-península, ilha navegante, desvia-se para o norte a fim de escapar ao obstáculo que se apresenta como se ao leme da gigante massa de pedra houvesse comandante experiente. Mais uma vez, os fatos não se resumem em si. O desvio da viagem é também “desvio” dos viajantes que novamente precisarão se reencontrar dentro da própria terra que a cada momento toma rumos diversos. Pouco depois há outro movimento em direção ao ocidente antes que se detenha em meio ao atlântico norte.

Surpreendemo-nos então com um giro de 360° graus da península em sentido anti-horário que ilustra a completa transformação ocorrida na vida daqueles ali presentes. A vida tornou-se outra, o lugar de ser – apesar de a terra que os sustenta ser a mesma – tornou-se outro, e por consequência uma nova conduta se faz necessária. Tudo estava mudado, o sol passou a nascer no poente, puseram-se ali de ponta cabeça, estavam “sem data, como se estivéssemos no princípio do mundo e não tivessem sido ainda decididas as estações e os tempos para elas” (SARAMAGO, 1986, p.202).

Subjacente a toda peripécia que se desenrola sob nossos olhos, jaz a proposta ibérica de Saramago, já a esta altura indisfarçável. Com Portugal e Espanha desconectados do território europeu, estes países serão obrigados a reformular-se e redescobrir suas funções e identidades no cenário mundial. Por sua vez a Europa não menos terá de se repensar, visto que dois importantes países constituintes – e talvez fundamentais – de sua história e construção não mais os ‘pertencem’.

Zarpada a península, surge num diálogo de personagens o questionamento de que mal poderá sofrer Veneza com o resultante movimento dos mares, e já então percebemos que a ruptura continental não foi a única. O personagem interpelado, frente à questão resolve-a definitivamente com uma afirmativa curta e direta, diz não terem responsabilidades, pois “já não somos europeus” (SARAMAGO, 1986, p.47). Mas esta não é a certeza de todos. Assustados pelo deslocamento da península, muitos portugueses e espanhóis promovem verdadeiro êxodo em direção ao continente à procura de segurança.

Sob a perspectiva continental, a Europa desprovida de parte de seu território não consegue evitar uma crise de identidade. Assim, jovens de todas as nações em manifestação de solidariedade – e muito provavelmente impressionados pelo ocorrido – vão às ruas gritar “nós somos ibéricos”. Os governos promovem debates em canais de televisão numa tentativa

de aplacar os ânimos gerais, mas apenas investidas policiais impõe o controle nas ruas. Curioso salientar que a expressão é grafada em vários idiomas europeus do sueco ao búlgaro, sendo que o primeiro deles foi o francês “nous sommes ibérique” (SARAMAGO, 1986, p.106), talvez em alguma referência ao espírito revolucionário gaulês.

A ideologia do iberismo é então apresentada sob diferentes nuances e perspectivas, sobretudo no grupo de personagens que se une, fossem uma colcha de retalhos que cobriria a ex-península de suas próprias diferenças fazendo de todos um só povo, com todas as suas diferenças e principalmente suas semelhanças.

A ligação entre os personagens (três portugueses e dois espanhóis, além do cão que os acompanha) se desenvolve aos poucos, mas é ao mesmo tempo vertiginosa. Em pouco tempo de convivência se tornam amigos e companheiros como se a muito vivessem juntos, ou de outro passado se conhecessem. É assim que se tornam parceiros José Anaiço e Joana Carda, Joaquim Sassa e Maria Guavaira, Pedro Orce e o cão.

Amigos e companheiros de viagem seguem todos um rumo incerto. Assim como a península que deixou seu lugar, eles deixam seus lares e decidem-se por um plano de vida incomum, uma vida cigana, de posse apenas de uma galera puxada por cavalos e algumas mudas de roupas usadas que revenderiam para que sustentassem ao menos uma alimentação diária. A escolha por este modo de vida não significa apenas renunciar a uma sociedade que rui em vista da falta de destino, mas também uma afirmação da possibilidade de escolhas sobre um futuro comum, afinal “as pessoas nascem todos os dias” (SARAMAGO, 1986, p.175), e por mais que carreguem um longo passado, sempre é possível tomar novas atitudes e decidir por novas alternativas.

Esta união porém não ocorre sem percalços. A certa altura da viagem, comovidas as mulheres deste grupo com a solidão de Pedro Orce, primeiro Maria Guavaira e depois Joana Carda entregam-se ao velho espanhol em atos de solidariedade para com este, mesmo cientes de seus “compromissos” com os parceiros. Ressentidos, tanto Joaquim Sassa quanto José Anaiço decidem abandonar o grupo e seguir caminhos próprios, porém refazem sua posição aos dizeres das mulheres:

Assim como nos juntámos, assim poderemos separar-nos (...), mas se para justificar a separação for preciso encontrar um culpado (...) e se entendem que o que fizemos terá de ser explicado, então andávamos equivocados desde o dia em que nos conhecemos. (...) e, se partir, o mais certo é que nos separemos todos, porque eles não serão capazes de ficar conosco nem nós com eles, e não é porque não nos amemos, será por não sermos capazes de compreender (SARAMAGO, 1986, p.195)

Com este discurso Saramago dá voz a todos os sentimentos de Portugal e Espanha ao longo dos tempos, memórias de disputas, dominações e guerras que fizeram com que estes dois países se tornassem o que são.

Mais adiante, outro evento indica a chave para um futuro comum, e este é quando Maria Guavaira e Joana Carda se descobrem grávidas em momento coincidente de um surto de gravidez por todo o território ibérico. Para nossas personagens o não conhecimento dos pais, mas a final aceitação de Joaquim e José é sinal de reconciliação. Já no âmbito das identidades nacionais que neste instante começam a se reestruturar, essas crianças são indicativo veemente de novo futuro em vista de sua potencialidade de aprender a lidar com as dificuldades e diferenças que desde o início da existência se impõem em seu caminho, mas nem por isso deixam de seguir em frente.

4. Ninguém foge a seu destino

*“Eu estou depois das tempestades”
Grande Sertão Veredas*

Qual viria a ser o destino dos viajantes daquela jangada de pedra não se sabia, mas a viagem ainda não havia terminado, e mesmo que houvesse, muito haveria que se fazer nesta nova situação. Sabe-se, no entanto, dos frutos proporcionados pela viagem de Salomão, mas qual terá sido o fim de Subrho, não podemos responder.

Saramago bem nos lembra que “nenhuma viagem é ela só (...) todas sucedem-se e acumulam-se como as gerações” (SARAMAGO, 1986, p.169), o que nos remete ao começo desta longa viagem, quando à procura de caminhos a novos mundos se lançaram ao mar portugueses e espanhóis. Derrida, em um de seus pontos cruciais considera o arquivo como elementos fantasmas, espectros que nos rodeiam e são acessados de maneira aleatória e desconexa. Fala-se mesmo de lembrar o que não aconteceu, mas de intenções de ações não concretizadas.

Em nosso caso, somos resultado de muitas águas, e há muitas ainda a serem percorridas, mas claro, não para continentes, e sim, consciências. Passados esquecidos ou recalçados abrem espaço para novas possibilidades de invenções de presentes e futuros; que o que ficou venha à tona e nos auxiliem em novas navegações. Contrapostas as viagens realizadas, do robusto elefante, e da frágil jangada – alegoricamente a primeira para o interior de nós mesmos para nos descobrirmos e certificarmos em confiança e confidência, a segunda para o exterior que a todo momento se reconfigura e precisa ser redescoberto – fica a dica para não deixarmos nossos arquivos desatualizados, ainda mais em tempos tão velozes como

os nossos. Fica evidente, depois de tudo, ser preciso uma nova vida para nossa sociedade, seja qual for; “precisa-se novo tratado de Tordesilhas” (SARAMAGO, 1986, p.199).

SUMMARY: "Cultural archives in Saramago's journeys" is based on the books *The Elephant's Journey* (2008) and *The Stone Raft* (1986) in which Portugal are located in two distinct historical contexts of the world scene. Under these prospects the archive of colonization is visited and brings an additional view over European consolidation around the world, since the extra-European society is nothing but an offshoot of the civilization of the old continent.

Keywords: Saramago, Archive, Journey.

Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 [1995].

SARAMAGO, José. A jangada de pedra. Rio de Janeiro: Record/Atalaya, (sem data) [1986].

_____. A viagem do elefante. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.